

1999

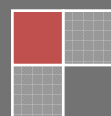
# Mar da Palha

*Linhas Cruzadas*, ano 3, nº 5, pp 60-63

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2007



## Mar da Palha

Só tive a sensação de que a minha vida tinha acabado no momento em que me empurraram à força para dentro do avião. Cinquenta anos antes entrara para um outro avião, mas a sensação que tive então foi de alívio, libertação e, até, esperança. De então para cá a minha vida foi um mar de rosas, como se costuma dizer. Mas preferiria que se dissesse um mar de palha. Afinal, estes anos foram passados em Lisboa. Praticamente tornei-me num português. Afeiçoei-me à cidade e ao país. E sempre que ia até à janela do meu apartamento, a imagem do estuário do Tejo – a que chamam “mar da palha” - tornava-se no ícone do meu renascimento. Sobretudo naquelas horas em que, por força da maré, os barcos de grande calado ficavam com as proas viradas para montante, como que recusando a ordem natural das coisas, que é os barcos apontarem para o mar alto.

Os anos de Lisboa (que digo eu? A vida em Lisboa) foram pacatos, despreocupados, felizes. Prazenteiros seria a melhor palavra. Entorpecidos em brandos costumes. A venda dos quadros possibilitou um rendimento considerável, com o qual comprei o prédio em mau estado numa encosta de Alfama. A reconstrução saiu barata: Portugal, nos anos quarenta e cinquenta, era um paíziço miserável, com mão de obra barata. Assim que correu pelo bairro a notícia de que eu estava a contratar operários, fez-se uma bicha à porta, baixando os preços ainda mais. Pude reconstruir o prédio com todo o requinte e, ao fim de seis meses, já ocupava a belíssima cobertura que viria a ser a minha prisão dourada.

Reconheço que ao princípio tinha alguns sentimentos de culpa: não é todos os dias que se deixa a família para trás, entregue ao destino. Mas à medida que fui aprendendo a amolecer ao sol, a relaxar os músculos com o excelente e barato vinho e a desentorpecer o corpo com os corpos da vizinhança, a culpa foi-se. Os sinos das igrejas tocavam como calmantes, o ding dong transformado em “tudo beeeem!, tudo beeeem!”, a alma apaziguando-se. A luz crua e diapositiva de Lisboa afastava os nevoeiros do passado. Aos poucos aprendi a gostar do que fizera: a minha mulher era uma megera fria e calculista e os meus dois filhos eram dois cãezinhos de estimação sobrealimentados a chocolate suíço. Que se danassem.

Nunca me expus muito. Recusei entrar no círculo restrito e claustrofóbico dos outros exilados. Eram criaturas repelentes: uns pela culpa, outros pela obsessão política em restaurarem o passado. Outros ainda atiraram-se sem pára-quadras para o prazer embrutecedor: drogados, alcoólicos, depravados, vi-os tornarem-se patéticos, personagens de filme de segunda. Eu não. Mantive-me silencioso. Quietinho como um rato. Cauteloso como um gato. E, por vezes, baixando a guarda, preguiçoso como um cão.

Aprendi português e fiz disso um desporto. Quis chegar sempre mais longe. Ao ponto de começar a escrever. Escolhi o pseudónimo de Germano Lisboa e comecei a publicar, graças aos chorudos subsídios com que inundei uma editora. Em breve alcancei a fama. Os críticos adoraram o que chamaram a minha “crueldade tão próxima da Vida tal qual ela é”. Fiz questão de não me expor e isso passou por capricho de artista: não circulavam fotos minhas, não dava conferências e a minha morada era mantida em segredo. Tal secretismo só contribuía para aumentar o meu prazer. Na pátria não sabiam onde eu estava. Aqui, em Lisboa, imaginavam-me um

português excêntrico que, nos seus livros, destilava veneno contra tudo o que era considerado sagrado: mulheres, crianças, judeus, negros, moral e bons costumes, tudo era desmontado e espezinhado pela minha escrita de uma clareza de mesa de autópsia.

Fui feliz. De manhã escrevia. À tarde sentava-me no terraço, olhando o mar da palha, beberricando um vinho, apanhando sol e deixando a mente divagar. À noite saía pelas ruas das redondezas, onde era cumprimentado como o senhor cônsul (onde foram buscar essa ideia?). Lisboa foi, durante muito tempo, uma simpática terreola de fim de mundo. Que potencial quando se junta a pobreza com a sensualidade do clima! Não que eu seja lúbrico. Mas quando o corpo o pedia, satisfazer-me era algo que estava ao alcance de um olhar de soslaio, de um estalido dos dedos, de um retinir de moedas. Sentia-me como um senhor no meio de um enorme, feliz e primitivo feudo. E ainda podia, na escrita, autopsiar as almas dos que me davam tanto prazer.

Envelheci a olhar o mar da palha. Tornou-se-me difícil descer as escadas, calcorrear ruas e subir colinas. Os livros foram sendo censurados. Se a polícia política não me perseguia, tal devia-se ao pacto que me permitira o refúgio em Lisboa. E ao dinheiro, é claro. Mas eles tinham que salvar a face e fizeram-no banindo os meus livros. A vida complicou-se um pouco mais quando chegou a “democracia”. Fechei-me em casa durante uns tempos. Certo dia um indivíduo apareceu-me à porta, trazendo consigo fotos dos meus filhos. Eram fotos do enterro da minha mulher, que havia morrido de cirrose algures na Suíça. Os meus filhos eram dois ogres repelentes, gordos e rosados, acompanhados de clones seus, gerados concerteza pelas duas megeras de gola de raposa que os acompanhavam. Aparentemente tinham pago àquele homem para me encontrar. O processo fácil de tirar nabos da púcara permitiu-me concluir que andavam, isso sim, em busca dos quadros valiosos. Devo ter-me rido tão alto - ou tão alarvemente - que o homem desceu escadas abaixo e não mais voltou. Nunca mais fui aborrecido. Nem pela “democracia”.

Mas foi um susto, reconheço. Dei por mim a ficar mais e mais tempo em casa. Comecei a entediá-me. E um dia resolvi comprar um computador e entrar em força nos anos 90 ao mesmo tempo que entrava nos meus noventa anos. Como se diz agora, “liguei-me à rede”. E descobri um mundo muito para lá do mar da palha. Cedo esse mundo descobriu-me a mim. Traduzi para alemão o favorito de entre os romances que escrevera. Cada palavra de “A Tempestade” ganhava uma alma nova, como se todo o tempo tivesse estado destinada a ser escrita na minha língua materna. A sinceridade, a lucidez, a crueldade, tornavam-se ainda mais sinceras, lúcidas e cruéis. Coloquei a tradução numa página da rede cuja construção encomendei e começaram a chegar as reacções. Eram péssimas. As “boas” vinham de velhos azedos, em tudo semelhantes aos outros exilados em Lisboa que me recusara a frequentar. As “más” vinham desses escoteiros da vingança obcecados em tornar num inferno a vida de gente como eu. Nem uma reacção lucidamente literária. Nem uma só. E desisti.

Comecei a sentir-me, então, verdadeiramente velho. Beberricava o meu Porto. Apanhava o meu Sol sob a protecção de um chapéu. E olhava o meu mar da palha, marcando as horas do dia pelo movimento das proas dos barcos: montante, jusante, montante, jusante. Até que um dia eles bateram à porta. Não, não traziam capuzes sobre a cabeça, nem metralhadoras Uzzi na mão. Para quê? Eu era um velho. Eu sou um velho. Bastou-lhes pegarem-me pelos braços. Deixaram-me colocar um chapéu, reunir umas roupas numa mala. Falavam um inglês de má qualidade, mas percebi que me haviam descoberto pela Internet. “A Tempestade” tinha produzido os seus efeitos. Ou danos colaterais, como sói dizer-se.

Da janela desta cela não há mar da palha. Apenas um Mediterrâneo barrento e morno. Palavras em hebraico e árabe chegam da rua, sem as promessas doces do português. Vão julgar-me daqui a dias. Consta que a imprensa está eufórica com a detenção de mais um nazi. Seja. As minhas últimas palavras serão para Portugal, agradecendo o doce e terno exílio. Ali não acontecia nada: que mais podia alguém como eu desejar?